DISCURSO
HISTORICO, POLITICO, E ECONOMICO

Dos progreſſos, e eſtado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens ſobre o eſtado do Brazil.

OFFERECIDO
A SUA ALTEZA REAL
O SERENISSIMO
PRINCIPE
NOSSO SENHOR

PELO

SEU MUITO HUMILDE VASSALLO
BALTHEZAR DA SILVA LISBOA
Doutor em Leis pela Univerſidade de Coimbra, e Oppozitor aos lugares de Letras.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
MDCCLXXXVI.
Com Licença da Real Meza Cenſoria.

Neque hæc ſtudia tantum adoleſcentiam alunt, ſenectutem oblectant, ſecundas res ornant; (Cic.) ſed unamquamque gentem eo magis cultam et civilem reddunt, quanto melius ibi philoſophantur homines : (Carteſ.) adeoque tunc Reſpublicæ ſunt beatæ, cum aut Philoſophi regnant, aut Reges philoſophantur. (Plato.)

SERENISSIMO SENHOR.

A Afabilidade com que V. A. R. coſtuma acolher os cidadoens applicados, amantes da Patria, me dá valor, para que proſtrado aos Reaes pés de V. A. R. haja de apprezentar a V. A. eſte papel. Naõ he meu animo, Senhor, querer dar nelle planos, pelos quaes ſe conduzaõ alguns ramos intereſſantes do Eſtado; a mediocridade dos meus eſtudos, a pouca experiencia, que tenho dos negocios publicos, ſaõ fortes embaraços,

que me impedem avançar taõ alto; porém o insaciavel dezejo de ser util á minha Patria, e o azilo que em V. A. R. achaõ todos os que procuraõ ser uteis á Sociedade, me convidaraõ a privar-me algum tempo dos estudos da Jurisprudencia, e dedicar a V. A. R. as primicias dos meus trabalhos.

O gosto, e attençaõ, com que V. A. R. se applica aos estudos da Natureza; o belo conhecimento, que tem das maravilhosas obras do Creador, á perspicaz intelligencia das necessarias produçoens do Reino, e das Colonias, das uteis, e das que saõ de mero prazer, tudo nos anuncia felicidades sem numero, que de V. A. devem seguir-se ás Sciencias, ás Artes, á Agricultura, ao Commercio, e a todos os ramos de Industria, que servem de mui fortes columnas ao Estado. Desde agora os fieis Portuguezes conhecem, e por felicidade sua participaõ dos preciozos, e sazonados fructos, que V. A. R. tem colhido da incansavel appli-

plicaçaõ ás Sciencias. Da Humanidade falo, que hoje caracteriza os mais celebres Monarcas da Europa. V. A. R. conhece, que as Sciencias ſó com muito trabalho ſe adquirem, por iſſo naõ deſpreza acolher com taõ Real Humanidade, e boa ſombra, aos que forcejaõ polas adquirir; antes como amorozo Pay os convida, e anima com exemplos dignos de taõ grande Principe, a vencer as difficuldades, que poderiaõ afaſtalos de taõ lonvaveis emprezas.

E porque o exemplo de V. A. foi o que me acendeo o eſpirito para entrar neſtes eſtudos, ſaõ eſtas primicias, e amoſtras delles, tributo devido a V. A. e eſte humilde offerecimento huma pura ſatisfaçaõ do meu amor, e da minha vaſſalagem.

SERENISSIMO SENHOR

Beija as maõs de V. A. R.

O mais humilde vaſſallo

Balthezar da Silva Lisboa.

DIS-

DISCURSO
HISTORICO, POLITICO, E ECONOMICO

Sobre os progreſſos, e eſtado actual da Filozofia Natural Portugueza com algumas reflexoens a reſpeito do Eſtado do Brazil.

§ I.

NENHUMA arte ou ſciencia pode mais efficaſmente contribuir para o bem commum, como a da Filoſofia Natural. Antiguamente foi conhecida aquella parte, que mais dizia reſpeito a agricultura campeſtre, e pecuaria, a qual foi pelos Romanos levantada a ponto de conſagrar-lhe cultos, pois que pela ſua ſuperſtiçaõ, e

e politica fizeraõ existir Deozes, que prezidiaõ á cultura das terras; os seus Supremos Magistrados com as mesmas maõs, com que victoriozos acabavaõ de arrancar coroas das testas dos Reis seus inimigos, voltavaõ para o arado: daqui nasce dizer o grande Cataõ, que o maior elogio, que se devia dar a hum Cidadaõ Romano, era chamar-lhe Lavrador; estabelicimento que Cicero (*a*) reputava pelo mais digno de hum homem nobre.

§ II.

FIrmava-se porém entaõ a agricultura dos antigos povos unicamente em huma serie de experiencias, que a diuturnidade dos tempos, fazia passar á evidencia: donde os seus co-

---

(a) Omnium autem rerum ex quibus aliquid adquiritur, nihil est agricultura melius, nihil homine, nihil libero dignius. Cicer. de Offic. cap. 42. in fin.

conhecimentos a eſte reſpeito tinhaõ ſido mui limitados: porém he ſem duvida, que aquellas applicaçoens mereceraõ particular attençaõ daquelles Principes, que conheciaõ, que dellas corriaõ perenes fontes de riquezas para o Eſtado: da hi veio a grande eſtimaçaõ, em que foraõ tidos aquelles vinte e oito livros de agricultura, que acharaõ os Romanos na tomada de Carthago, com os quaes prezenteavaõ aos Principes ſeus aliados, que ſouberaõ unir á virtude a alta dignidade, que poſſuiaõ; no que deraõ heroicos teſtemunhos Cyro o moço, Atalo Philopator, Hyeraõ, e outros louvados por Plinio, e Xenofonte.

§ III.

A Invazaõ, que fizeraõ os Barbaros na Europa, as diſgraças, que daqui emanaraõ para todos os povos reduziraõ eſſes conhecimentos, taes quaes entaõ houveraõ, a hum eſ-

eſtado funeſto: parecia deſde entaõ ter a Natureza perdido toda a ſua actividade, até que as luzes da Filozofia Natural fecundando os eſpiritos humanos de conhecimentos intereſſantes á Humanidade, fez que ſe viſſem as importantes conſequencias produzidas pela agricultura, conſiderada já como baze da ſubſiſtencia, já por objecto de Commercio.

§ IIII.

SEguiraõ-ſe logo por tanto mui vehementes, e ſenſiveis cuidados dos Principes eſclarecidos para a reſtabelecer, e animar: he por eſta cauza que ainda hoje ſe ve ſolemnemente conſagrado hum dia no anno pelo Imperador da China, para effeito de lavrar com ſuas maõs certa porçaõ de terreno, procurando por eſte modo animar, e augurar tambem a perene proſperidade dos ſeus Eſtados. Pratíca quaſi igualmente o meſmo o Grande Imperador da Alemanha

Jo-

Jozé II. Naõ ſe corre o Principe de Oſnabruc de cultivar elle meſmo o ſeu Jardim : e quem ignora quaes a eſte reſpeito foraõ, além de outros povos na França, os trabalhos de Franciſco I., Carlos IX., Henrique IV., Luiz XIV. &c., e na Eſpanha principalmente Carlos III., e em Portugal além dos dos Senhores D. Dinis; D. Fernando; D. Manoel; os do Senhor D. Jozé I., publicados em ſuas Leis e Ordenaçoens?

§ V.

HOuve pois ſempre em todas as gentes da Europa mais ou menos goſto para os eſtudos da Natureza, e naõ ſó no que diz reſpeito á agricultura, mas em todas as mais partes da Filoſofia Natural, as quaes afficadamente cultivamos, ſendo conſtante da noſſa hiſtoria, que neſte genero haviaõ excellentes obras, das quaes faz mençaõ Manoel Seve-

rim

rim de Faria na vida de Joaõ de Barros, como era huma hiſtoria Natural das plantas, e animaes do Oriente, feita por eſte Hiſtoriador, o qual continua deſta maneira „

„ Mais em lugar de Joaõ de
„ Barros eſcreveu das dro-
„ gas do Oriente o noſſo
„ Doutor Gracia d'orta com
„ grande louvor, cujos li-
„ vros ſaõ muito eſtimados,
„ e andaõ traduzidos em
„ lingoa Latina por Caro-
„ lo Cruſio, impreſſos em
„ Amveri no anno de 1523;
„ e depois outro diſcipulo
„ do meſmo Gracia d'orta,
„ chamado Criſtovaõ da Coſ-
„ ta, natural de huma das
„ noſſas Colonias de Africa
„ ſeguio eſta empreza mais
„ largamente no Tratado
„ que compôz em lingoa
„ Caſtelhana das drogas, e
„ medicinas do Oriente com

os

„ os retratos das meſmas
„ plantas, o qual no ſeu
„ Tratado do Elefante diz,
„ que tambem tinha eſcrito
„ outro livro de todas as
„ Aves, e Animaes da
„ Azia....

§ VI.

TAmbem Barboza na Biblioteca Luzitana fez mençaõ de XXIV. diſſertaçoens ſobre a Hiſtoria Natural do Brazil, feitas por Caetano de Brito de Figueredo, e recitadas na Academia, que naquelle Eſtado inſtituio Vaſco Fernandes Cezar de Menezes, quando foi Vice-Rei. Aponta o meſmo Autor tres Hiſtorias naturaes do Brazil, manuſcritas, huma do Pará e Maranhaõ por Fr. Criſtovaõ de Lisboa, outra do Padre Diogo Soares, e outra de Nicoláo de Oliveira.

Al-

§ VII.

ALguns outros dos noſſos Eſcritores contaõ que Ignacio Colaſſo de Brito fora Prezidente da Junta da Agricultura, e que entaõ compuzera cinco livros ſobre o Patrimonio Real, lizirias, e ſeus arrendamentos, feitorias de linho canhamo em Santarem e Coimbra, para haver enxarcia no Reino, e trezentas tecedeiras na Commarca do Porto para fazerem o velame para as náos. Pelo que diz Manoel Severim de Faria nos ſeus diſcurſos ſemelhante eſtabelicimento foi feito pelo Senhor Rey D. Manoel, e durou até os noſſos dias.

§ VIII.

DO que he manifeſto, que até o Reinado principalmente do Senhor D. Manoel floreceu entre nós o goſto da Filozofia Natural, ficando de-

depois dezafortunadamente como ſepultado pela perdiçaõ das Sciencias, e por iſſo ſuccedeo, que começaraõ mais tarde eſtes conhecimentos a manifeſtar no noſſo paiz (talves por mais diſtante) ſuas brilhantes luzes, que aproveitadas em Inglaterra, França, Ruſia, Alemanha &c. fizeraõ a epoca da riqueza, do poder, e independencia de cada hum daquelles eſtados.

§ VIIII.

NAõ falando por tanto nos tempos do Senhor D. Manoel, e de alguns ſeus Illuſtres ſucceſſores, que amando aquella nobre ſciencia, enriqueceraõ o Regio Erario de riquiſſimas, e raras produçoens da natureza, de que a mais precioza parte foi mandada pelos Felippes para á Eſpanha; referiremos o do Reinado do Senhor D. Joaõ V. no qual feliſmente ſe anunciaram entre nós os progreſſos da Filozofia Natural. Conſervava aquelle

le Principe no feu Palacio hum riquiffimo Muzeu compofto de ricas, e maravilhozas produçoẽs dos tres Reinos da Natureza, poffuindo entre todas as belezas, hum diamante de grandeza, e valor até entaõ nunca vifto, achado na Ribeira *Milho verde* da Capitania do Cerro do Frio, que pezava doze onças e meia, avaliado em vinte e dois milhoens de libras efterlinas; e entre a conchilaria, além das innumeraveis variedades de Amirales, tinha o mais rico Almirante, que fe conhecia, comprador pelo dito Soberano por 400$000 reis, o que tudo o infaufto terremoto do 1. de Novembro de 1755. arruinou inteiramente; mas logo aquelle Preclaro Rey o Senhor D. Jozé I. entrou a formar outro novo Muzeu, com o feu Horto Botanico, em o qual teve por Infpector ao Sabio Wandeli meu Meftre, que com a fundaçaõ dos novos eftudos foi creado lente de Hiftoria Natural e Chimica em a Univerfidade de Coimbra.

Co-

§ X.

COnhecia-mos entaõ muitos homens Patriotas, cheios destes conhecimentos: de taes constava principalmente aquella Junta litteraria, que formaraõ os Estatutos da restauraçaõ das Sciencias, e os AA. do Compendio Historico; dos quaes se servio aquelle Invicto Soberano para taõ magnificos estabelecimentos, que deviaõ produzir ao menos os mesmos fructos, que acompanharaõ os felices successos das Sociedades estabelicidas sobre as Artes uteis em Inglaterra, Irlanda, e muitos outros paizes da Bretanha; Cantoens Suissos, Berne; Toscana; Dinamarca, e infinitas Provincias da Alemanha.

XI.

POrem a pezar dos grandes estabelicimentos, que para á Sciencia dos conhecimentos da natureza

fez aquelle Immortal Principe, já mandando edificar ſoberbos edificios para os Gabinetes da Hiſtoria Natural e Fyzica, que ſendo mageſtozamente preparados, reprezentariaõ as importantes conſequencias, que dahi ſahiriaõ para á publica felicidade; já creando com ſabios Meſtres, hum exemplar Prelado; e aſſim tambem hum famozo Laboratorio Chimico, e hum eſpaçozo Jardim Botanico, para que eſpertaſſem a mocidade, e a convidaſſem a goſtar as profundas dilicias de huma Sciencia, que ſendo bem cultivada, decide da gloria da Naçaõ, e da opulencia do Eſtado. Os effeitos todavia naõ correſponderaõ, como era de dezejar, á ſua cauſa, ou pela novidade e incerto exito do eſtabelicimento, que a corrupçaõ das Sciencias fazia perſuadir novo, antigamente inaudito, e deſneceſſario: razaõ porque ſó os eſtudos da Juriſprudencia Civil, e Canonica, Theologia, e ainda a Medecina deviaõ fazer o alvo para ſe obter ás hon-

ras,

ras, o credito publico, e a ſuſtentaçaõ; já por muitas outras razoens. Foraõ contudo ſempre mui frequentadas as aulas da Hiſtoria Natural, e dos outros ramos da Filozofia, por que inculcando elles por ſi meſmo ſuas ventagens, attrahiaõ o animo de alguns mancebos patriotas á ſua applicaçaõ; além de que influia o mais que podia ſer o zelo do ſeu Reformador, movendo-os por huma parte, e dezarreigando por outra as preocupaçoens, que poderiaõ embaraçalos; de cujo zelo foraõ energicos teſtemunhos as ſabias Reprezentaçoens, que fez a S. Mageſtade, já fazendo doutorar ſeis daquelles eſtudantes, que os Profeſſores inculcaraõ por mais benemeritos; já inſinuando viagens, que ſe deviaõ fazer dentro, e fora do Reino; já reprezentado as conveniencias dos trabalhos da mina de Carvaõ de pedra de Buarcos, ſuſtentados deſde entaõ até hoje pelo inexplicavel zelo do Excellentiſſimo Miniſtro e Secretario de Eſtado

dos Negocios Ultramarinos ; já pondo em movimento o Laboratorio Chimico , promovendo tudo quanto era de promover, aſſim como a conſtrucaõ dos cadilhos, retortas, &c., de cuja bondade ſe fizeraõ todas as provas na Regia Fundiçaõ ; e a purificaçaõ das argillas para ſe obter, como ſe obteve huma loiça melhor, que a ordinaria do Reino &c.

§ XII.

DIſtinguiraõ-ſe muitos eſtudantes, que ſuppoſto ſeguiſſem o objecto das outras ſciencias, amavaõ com tudo as intimas rellaçoens deſta; taes foraõ o Excellentiſſimo Viſconde de Barbacena, que deſcobrio muitos marmores nobres, e varias minas de ferro nos contornos de Coimbra; Manoel Joaquim de Paiva, que pelas ſuas incanſaveis applicaçoens foi creado Meſtre do Laboratorio Chimico; Eſtacio Gularte; o Doutor Joaquim Velozo; e o Doutor Alexandre Ferrei-

reira, e os companheiros das expediçoens Filozoficas Jozé da Silva Lisboa ſubſtituto das cadeiras de Grego e Hebraico pela Univerſidade, e hoje Profeſſor Regio das de Filozofia e Grego na Cidade da Bahia, ſua Patria; Manoel Luis Alvares de Carvalho; o Doutor Jozé Antonio de Sá; Joaõ Franciſco de Oliveira; Jozé Bento Lopes; Antonio Ramos da Silva Nogueira; o Doutor Joaquim Jozé Ferreira; o Doutor Joaquim de Amorim e Caſtro, e varios outros.

§ XIII.

HAviaõ alguns particulares, que para moſtrarem o ſeu goſto, e inclinaçaõ aos eſtudos da Hiſtoria Natural, tinhaõ pela continuaçaõ de alguns annos ajuntado muitas produçoens da Natureza para enriquecerem os ſeus Muzeos. Naõ falo naquelles, que exiſtiraõ no Reinado do Senhor D. Joaõ V., como eraõ o do

Con-

Conde de Ericeira (1) Vice-Rei da India; o do Conde do Aſſumar; (2) e o da Duqueza de Cadaval (3) da caza de Lorena; nem tambem no da Univerſidade de Coimbra, principiado pelo ſeu primeiro Reformador, e elevado pelo zelo do ſegundo ao maior ponto de grandeza, que ſe podia dezejar; intereſſando-ſe e procurando o dito Reformador em todo o tempo do ſeu governo accreſcentar novas riquezas aos dois Muzeos, de que ſe compunha o ſobredito Gabinete; comprados ao Doutor Wandeli, e a Wandequi por aquelle Magnanimo Prin-

(1) Continha muitas coizas pertencentes á Hiſtoria Natural com huma boa colleçaõ de medalhas.

(2) Continha quazi o meſmo no que pertencia á Hiſtoria Natural; era ſuperior porém na colleçaõ das medalhas, que era quazi toda de ouro.

(3) Conſervava animaes de quazi todas as eſpecies com huma grande colecçaõ de Bezoars. Refere D'Argenville pag. 320. Tom. 1.

Principe o Senhor D. Jozé I. para doar á referida Univerſidade. Falo ſim no do Excellentiſſimo Marques de Angeja ; no do Advogado Franciſco Martins Sampaio : no do Confeſſor de El-Rei Noſſo Senhor, que para acreditar o ſeu amor patriotico enriqueceo o ſeu Convento das grandes preciozidades, que unem os conhecimentos da Religiaõ ás neceſſidades do Eſtado. E para naõ referir alguns outros igualmente famozos, como o do Doutor Antonio Jozé Guiaõ; o do Conego Jozé Jacinto da Silveira; e os Conchiologicos de Mr. Rey, e de Joaquim Manoel da Rocha; e as magnificas colleçoens de medalhas do Excellentiſſimo Biſpo de Beja, e do Doutor Joaõ de Magalhens; concluirei em nomear o mais famozo; qual he o Gabinete do Sereniſſimo Principe formado, e dirigido pelo Secretario de Eſtado dos Negocios Ultramarinos; o qual pelo adiante naõ envejará aos mais ricos da Europa pela multiplicidade, variedade, e raridade das pro-

produçoens assim naturaes, como estrangeiras, de que se vai enriquecendo, que exaltaõ igualmente o zelo daquelle sabio Ministro Patriota, em quem esta Sciencia achou sempre mui particular amparo.

§ XIV.

LOgo que o Excellentissimo Bispo Conde tomou posse do seu Bispado, quiz que tambem nelle se conhecessem evidentemente os importantes fructos da Filozofia Natural, ordenando viagens Filozoficas por todos os terrenos das suas Jurisdiçoens: entaõ Coja, e muitas outras Villas, e lugares circumvizinhos descubriraõ a historia dos seus paizes, pelas descubertas, e differentes prescrutaçoens das minas de chumbo no valle da Garcia (1); Gandu-
so

---

(1) He huma galena mineralizada em excesso de arsenio, e enxofre, que na fuzaõ decompoem, e volatiliza muita parte

fo (2); Sernalhozo (3); Chaõ de Egoa (4); Val de Cabras (5); Piſcanceco (6); Caſtanheira (7); e em varios outros lugares; Cobalto em Cavalheiros (8); Antimonio em alguns ramos do Aſſor (9) Oiro em varias partes, onde regaõ Zezere e o Alva (10); Cobre em Botaõ

---

de chumbo, principalmente quando a operaçaõ docymaſtica naõ he devidamente tratada com os alkales fixos; rende entaõ 50. por quintal. Aprezenta eſta galena as mais ricas, e particulares criſtalizaçoens em differentes maneiras.

(2) Contem menos enxofre e arſenico; rende 70. por quintal e huma oitava de prata por arratel.

(3) Contem cobre e ferro juntamente.

(4) Rende 6. por quintal.

(5) He ſuperficial.

(6) Rende eſta mina de chumbo antimonial 90. por quintal.

(7) He ſuperficial.

(8) Rende 40. por quintal; contem muito arſenico, e enxofre.

(9) Rende 40. por quintal.

(10) O ouro he em pó, mas para as

taõ (11) e na Ribeira de Folques; (12) Molibdeno na ſerra do Carvalho (13); em Miranda do Corvo bitume ſchiſtozo (14); ferro nos contornos de Coimbra (15; e em Pedrogo (16) Maxu-

---

montanhas do Zezere ſe encontraõ ſchiſtos quartſozos, com veios de ouro de 3$ 000. de valor intrinſeco.

(11) He ſuperficial da eſpecie *cuprum cotaceum*

(12) He da ſpecie *flavum*, rende 30. por quintal.

(13) He da ſpecie *textura Kalibea.*

(14) Contem muita pyrites e flor de ferro; decompoſto pelo acido vitriolico, na criſtalizaçaõ offerece a Capa roza; o carvaõ pode depois ſer aproveitado para o ſerviço das cozinhas, ou para os fornos de telha &c.

(15) Rende 25. até 30. por quintal á proporçaõ da maior ou de menor riqueza dos bancos; he da ſpecie *nigra ſolida tritura rubra.* A falta de lenhas impoſſibilita a extracçaõ

(16) Rende 50, 60, e mais por quintal á proporçaõ das riquezas dos bancos. Os denſos matos de cepas aſſeguraõ todo o beneficio da fuzaõ. Exiſtem ainda hoje na

xuca, e Vendas de Maria, e por toda a Serra do Trovim, que no Miniſterio paſſado foraõ contempladas, de maneira que ſó ceſſou a eſtracçaõ pelas conveniencias, que inculcava a mina entaõ deſcuberta de ferro no Reino de Angola pelas ſuas riquezas, e denſos mattos: (*a*) enviandoſe por eſſa occaziaõ os mais experientes Mineiros da Maxuca com alguns outros, que ſe mandaraõ buſcar a Biſcaia, cuja extracçaõ teriaõ acompanhado as meſmas conveniencias, que moſtraraõ a Inglaterra, a Suecia, e a Biſcaia, ſuas minas de ferro, aſſim pu-

---

Maxuca e Vendas de Maria as cazas com todo o trem do fabrico, e fornalhas, onde ſe fundia o ferro extrahido das ditas minas.

(*a*) Parece-me ſer muito importante enſinar a fundir o ferro aos Pretos acoſtumados ao ar, e clima do paiz, e incumbir a alguma Junta de Comerciantes, que pagaſſem o quinto a S. Mageſtade, todo o cuidado, deſpezas, e beneficio da extracçaõ.

pudessem os nossos supportar a ingratidaõ do clima, e com suas mortes naõ cauzasse parar huma e outra extracçaõ, e seus fructos. Marmores nobres na Lagarteira (1); Ega (2); Soire (3) Lorvaõ (4) Busarda (5); Ta-

---

(1) Constaõ de huma cor roxa com differentes outras modificaçoens de branco, cinzento, amarelo &c. que formaõ differentes figuras, e paizes, que constituem os denominados marmores *pictorios*, dendriticos &c.

(2) Saõ amarelos com veios de hum preto tirando para o cinzento, formaõ em alguns bancos horizontes com diversas sombras, figuras de montanhas, fortalezas &c. outros com dendritis; e matizados differentemente, outros com diversas cores.

(3) Contem muitas cores; a dominante porém he amarela.

(4) Constaõ de hum fundo tirando para o cinzento com quadrados, e manchas pretas; assemelhaõ-se aos marmores Africanos.

(5) Constaõ de hum verde cinzento com veios brancos spathozos.

Tapeus (6); Perdigota (7); Povoa (8); Ferrarias (9) de cujos bancos ſe tem tirado muitas peças para bancas (*a*), Caixas; e para ás obras da famoza Cathedral de Coimbra.

§ XV.

PElo meſmo tempo encarregou o Excellentiſſimo Senhor Arcebiſpo de Braga a Joaquim Vicente Pereira a viagem da Serra do Gerez, pelo que pertencia ás obſervaçoẽs Filozo-

(6) Conſtaõ de pontinhos, e ocelos brancos, e encarnados, diverſamente matizados.

(7) Saõ os chamados marmores frumentarios.

(8) A mais dominante he a amarela com fitas roxas, e com varias outras côres; em diverſos bancos, formando marmores pictorios.

(9) O fundo he amarello com muitas outras côres differentes.

(*á*) Com eſtas tem a Aug. Soberana cubertos os tremozes que ornaõ as ſalas do ſeu Real Paço da Ajuda.

lozoficas , e as Mathematicas ao Doutor Manoel Joaquím da Maia , que executaraõ com muito louvor , deſcrevendo os differentes bazaltes , e lavas Vulcanicas , de que eſtà cheia a dita Serra ; como as ſuas aguas thermas ; as differentes criſtalizaçoẽs de quartſos , porphiros ſpathozos ; ſpathos ; petrociles ; calcedonios ; poros igneos &c. cuja Colleçaõ foi remetida pelo dito Excellentiſſimo Arcebiſpo , a ſeus Auguſtos Irmaõs , que tanto prezaõ eſtas Sciencias , pois foraõ os primeiros , que tiveraõ hum jardim Botanico de plantas exoticas.

§ XVI.

ENtre tanto ſe erigio na Cidade de Lisboa huma Regia Academia , compoſta da mais illuſtre , e illuminada parte da Naçaõ, protegida pela Rainha N. Senhora , e pouco depois em Coimbra no lugar de *Celas* huma pequena Sociedade de mancebos patriotas , que deſejando ſer uteis á

Pa-

Patria, ſe deſtinavaõ a trabalhar em os differentes ramos da Filozofia, para cujo effeito ſe dividiraõ em quatro claſſes, deſtinadas para com mais facilidade dirigirem as ſuas applicaçoẽs á Hiſtoria Natural; Agricultura; Artes; e Commercio para as quaes davaõ as horas, que lhes ſobejavaõ dos outros eſtudos, e algumas furtadas ao deſcanço. Fazia iſto em pouco tempo ver taõ grandes utilidades, quantas aquella mocidade excitada do patriotiſmo, e emulaçaõ, ſe enchia cada vez mais dos louvaveis fins, a que ſe dirigiaõ, inculcadas em muito belas reflexoẽs, acompanhadas das mais uteis experiencias, ja a reſpeito da tinturaria das lãas, do Comercio, e agricultura pelos Directores, e mais ſocios &c. A ſeparaçaõ porém daquelles, que mais influiaõ no ſeu augmento a fez logo decahir, naõ ſubſiſtindo mais que dois annos.

Foi

§ XVII.

FOi a Real Academia ſempre fazendo rapidos progreſſos, mui proprios dos membros, que a compunhaõ, e para promover a indagaçaõ da Natureza propôz annualmente em premio a diſcripçaõ fyzica, e economica de qualquer terreno; do que rezultou a preſcrutaçaõ de muitos braços das Serras do Maraõ e Marvaõ; deſcubrindo-ſe neſtes as minas de antimonio e molibdeno, e infinidade de argilla *bolus*; e naquelles ferro, chumbo, cobre; antimonio: eſtanho (que tambem apparece nas vizinhanças de Vizeu, ou mais antes para S. Pedro do Sul, onde tambem ha alguns bazaltes) além de infinitas variedades de ſpatho. Viaõ-ſe montanhas cheias de grutas, fabricadas pelos Romanos para a extraçaõ de minas, de que eraõ conſtantes monumentos as medalhas, e antigos fragmentos daquelles povos. Naõ fa-

falo na infinidade de marmores nobres de Cintra (*a*); Mafra (*b*); Alcantara (*c*); Montes claros (*d*); Minde (*e*); Eſtremos (*f*); Arrabida (*g*); Borba (*h*); Odivelas (*i*); Salema (*l*);

C Al-

(*a*) Conſtaõ eſtes marmores de huma cor de verde cinzento com manchas brancas ſpathoſas.

(*b*) Quazi o meſmo que o antecedente.

(*c*) He hum marmore ſpathozo com muitas cores de amarelo, rouxo &c., e differentemente maculozo nos diverſos bancos e eſtratos.

(*d*) He ſpathozo de hum fundo negro com manchas.

(*e*) He maculozo, e pictorio em muitos bancos.

(*f*) He ſpathozo com muitas cores nos diverſos bancos, branco maculozo, negro &c.

(*g*) Conſtaõ de muitas cores confuzamente, branca, preta &c.

(*h*) He ſpathozo amarelo com diverſas cores nos diverſos eſtratos.

(*i*) He hum marmore maculozo com muitas cores.

(*l*) Participa de varias cores.

Alqueidaõ da Serra (*m*); Porto ſalvo (*n*) Runa (*o*); Trigaxe (*p*); Beja (*q*); Tavira (*r*); Oeyras (*s*); Mourilena (*t*); Paradela (*u*); Bajouca (*x*); Caranguejeira (*z*); e de infinidade de outros preciozos de Vialon-

---

(*m*) He de huma cor totalmente negra.

(*n*) He hum marmore maculozo cinzento com differentes outras cores.

(*o*) Contem variedade de cores, que formaõ bem galantes paizes.

(*p*) He maculozo com diverſas cores, dendritico, e nos differentes eſtratos negro maculozo, cinzento &c.

(*q*) He maculozo dendritico.

(*r*) He negro maculozo. Variaõ muito nos meſmos eſtratos as modificaçoens diverſas das cores deſtes marmores.

(*s*) He branco, maculozo, dendritico.

(*t*) He maculozo com variedade de cores.

(*u*) O meſmo quazi que o antecedente.

(*x*) O meſmo.

(*z*) He ſpatozo de hum amarelo deſmaiado, tirando para cinzento. He o que mais a reſpeito deſtes marmores, conſtantemente tenho obſervado.

longa, Villa fria, Caſcaes &c. colligidos por Julio Mattiazi para o Muzeu de ſua Alteza Real. Naõ digo das curiozas, e particulares criſtalizaçoens para ornarem os gabinetes da Hiſtoria Natural, nem das plantas, cujas culturas entereſſa a Naçaõ, como a Ruiva, que ſe dá nos contornos de Coimbra, e nos arenoſos terrenos das Caldas, e em outros paizes; o lirio dos tintureiros; o ſumagre; a graã; a de que ſe faz a Barrilha; o Salepe; e muitas outras, que ſpontaneamente creſcem em o noſſo continente, além das curiozas, que podem bem ſatisfazer o goſto dos Jardineiros Botaniſtas.

§ XVIII.

ERa indubitavel, que deviaõ aquelles ſublimes conhecimentos da natureza, fazer-nos evidentemente comprehender, o quanto elles tem influido na conſervaçaõ da vida fyzica dos Cidadoens uteis, que pela

impericia dos medicos feriaõ affacinados; a pezar de que elles geralmente naõ tem para efta parte moftrado o extremo das fuas inclinaçoens: fe bem que na Real Academia das Sciencias tem aparecido mui importantes Memorias de Manoel Luis Alvares de Carvalho; de Jozé Henriques de Paiva, e de alguns outros habeis Medicos, concernentes aos eftudos Fyzicos da Natureza, ainda que a todos tem excedido Manoel Joaquim Henriques de Paiva pelos feus trabalhos litterarios, que depois de ferem aprezentados e aprovados pella Real Academia, foraõ parte deftes, e alguns outros impreffos, e publicados, como faõ os feus Elementos de Chimica; fua Farmacopea Lisbonenfe; as taboas Zoologicas das efpecies dos Animaes; o Directorio para fe faber o modo, e o tempo de adminiftrar o alkalino volatil nas affixias, mordeduras, afogados &c.; O Conservador da faude, ou avifo ao Povo a cerca dos perigos, que lhe importa evi-

evitar, para conſervar-ſe em ſaude &c., e muitas outras.

§ XVIIII.

E Naõ ſò fizeraõ ver ſuas rellaçoens com a conſervaçaõ da vida fyzica, mas a da moral pela Bondade publica; quem, ſem ſer inſenſſivel á Razaõ, deixou de admirar, e conhecer a neceſſidade de ſe reanimarem os intereſſantes ramos de induſtria, que ſe exercitaraõ no Real Caſtello, onde em virtude das leis da Policia ſe mandaraõ recolher aquellas gentes, que ſendo inuteis ao Eſtado pelo deploravel eſtrago, a que ſe achavaõ pela pobreza, e mizeria reduzidos, importunamente mendigando aqui e alli, quando naõ attacavaõ a vida, e a fazenda, de quem imploravaõ ſocorro, e abrigo: cheios já de induſtria, ſacudindo o jugo fatal, em que jaziaõ, moſtravaõ, o quanto podia nelles obrar a boa policia, convertendo-os de Cidadoens inuteis, e preju-

judiciaes, em uteis, e neceſſarios á Patria, para promoverem a ſua gloria

§ XX.

VIo-ſe tambem em conſequencia da aplicaçaõ daquelles conhecimentos eſtabelecerem-ſe fabricas de panos; eſguioens; loiça; xita; polvora &c.: extender-ſe o noſſo commercio, exercitado por peſſoas inſtruidas até com os ultimos gráos da Univerſidade; e aſſim progreſſivamente ſe illuminaraõ muitos corpos de induſtria.

§ XXI.

NAõ falo naquella taõ ſublime rellaçaõ, que ſe dirige a moſtrar, de huma maneira a mais efficáz, os conhecimentos da Religiaõ, para que confundidos os eſpiritos temerarios, ſeja manifeſto a todo o mundo, quam immenſſa he a Sabedo-

doria; Grandeza; Bondade; Omnipotencia; e Providencia de hum Deos ſupremo, que adoramos.

§ XXII.

E Na verdade ſe eſtas ſobreditas rellaçoens, ſendo mais univerſalmente contempladas, foſſem cultivadas, e executadas por todos os que imormente conſtituem a publica adminiſtraçaõ; como em conſequencia dos progreſſos da Filozofia Natural, ſe naõ veria geralmente florente a agricultura; (*a*) polidas, e perfeitas as ar-

(*a*) Quem vé a noſſa agricultura em todos os generos, em todas as terras, e em todas as povoaçoens, conhece exactamente o ponto do ſeu abatimento nos terrenos, e climas os mais apraziveis da Europa: ſendo em conſequencia a colheita dos generos a mais mizeravel, ainda naquelles, que conſtituem as noſſas riquezas, como principalmente ſaõ os vinhos, azeites &c. Todas as vinhas ſaõ maltratadas ſem preceder o exame na

artes; augmentada a povoaçaõ; firmes os eſtabelecimentos das fabricas; em

---

eſcolha das que ſaõ boas, para na fermentaçaõ ſe obterem os mais generozos vinhos, e por conſequencia as mais eſpirituozas agoardentes; ſuccedendo carecermos dos de fora do Reino, que nos introduzem os eſtrangeiros taõ falſificados, como inficionados pelas differentes miſturas de alguns outros corpos heterogeneos, de que participaõ principalmente os vinagres, fabricados com pimenta, zenſibre, ſaes metalicos &c.; o que tambem nos noſſos ſe tem obſervado, ou por incuria, ou por malicia. Mas graças á Policia, foraõ eſtes damnos acautelados na prohibiçaõ dos vinagres eſtrangeiros: e a Academia Real das Sciencias para o melhoramento da cultura das vinhas tem propoſto hum Programa, de cuja execuçaõ hade naſcer toda a utilidade, que ſe dezeja. Os meſmos inconvenientes acontecem na cultura das oliveiras, das quaes já mais ſe eſperou conſeguir fructos, ſenaõ depois de longos annos, quando por huma induſtrioza cultura em dois ſe deve alcançar. Até agora o azeite foi feito ſem arte, e ſe naõ aprovei-

em huma palavra, como naõ feriaõ os homens mais amigos da humanidade! Naõ profanariaõ certamente com tanta frequencia o Sagrado da Religiaõ, e o da Ordem publica.

Pa-

---

rava tanto, quanto devia fer. Já hoje o Excellentiffimo Martinho de Mello e Caftro tem pelas fuas experiencias, e obfervaçoens feito na fua quinta hum excellente azeite. Sobre efte artigo tem a Academia mui excellentes memorias, como a de fe fazer o azeite do Doutor Dolabela. Donde he de efperar dos cuidados economicos da fobredita Academia fobre a cultura das terras, que muitas Provincias, principalmente as do Sul de Portugal, pelo exame, que actualmente fazem alguns Socios, fobre a fua organizaçaõ, e conftituiçaõ fyzica, recolhaõ mui preciozos fructos. No que poderá muito ajudar o zelo dos Magiftrados, que inftruidos dos feus deveres, fizerem conhecer aos povos aquella verdade, que elles naõ vem, fenaõ com olhos fyzicos.

§ XXIII.

PArece que por eſta cauza os noſſos ſupremos Legisladores requeriaõ nos magiſtrados aquelles conhecimentos, quando nas Ordenaçoens do Senhor D.Manoel preſcreveraõ aquellas taõ ſabias Leis, que foraõ tranſcriptas para ás noviſſimas Filipinas na Ord. do Livro 1. tit. 58. § 43., e nas que conſtituem o Officio dos Vereadores, e em outras muitas. Elles advertiraõ, que para á boa economia dos Povos, e do Eſtado naõ era ſómente baſtante a Sciencia Juridica nos Magiſtrados, pois que ella tem, como moſtra a experiencia, e inſinuaõ alguns Politicos, multiplicado mil litigios com total ruina dos Povos, e do Eſtado; por cuja razaõ mandou o Senhor D. Jozé I., que os Eſtudantes Juriſtas verſaſſem pelo menos as aulas da Hiſtoria Natural. He poſſuido talves deſtas verdades, que o Intendente Geral da Policia, envia todos os

an-

annos cartas encyclicas a todos os Magiſtrados, para promoverem a agricultura, e as artes, que lhe dizem reſpeito.

§ XXIIII.

POrem a falta deſtes conhecimentos faz inuteis todas as providencias daquelle Magiſtrado, e da obſervancia das Leis do Reino; ſuccedendo por eſta razaõ viverem quaſi todos os povos inertes; e ſerem ſuas povoaçoens, como as eſtradas publicas, aſperas, e cançadas, que ſervem de conſtantes barreiras, para impedir toda a communicaçaõ com os Povos, que devem entreter o ſeu commercio, para viverem na abundancia; e daqui vem ſerem ordinariamente reputados os Magiſtrados na eſtimaçaõ vulgar, naõ como Pais, e protectores da Juſtiça; mas ſim como inimigos. Se elles por tanto inverteſſem eſſe máo conceito dos povos, animando a ſua agricultura, explorando a

na-

natureza dos terrenos da ſua Juriſdiçaõ; promovendo a povoaçaõ, e regulando-a por huma ſabia, e prudente educaçaõ; tendo muito em viſta o naſcimento, conſervaçaõ, e educaçaõ dos filhos &c.; como naõ teriaõ os noſſos Auguſtos Soberanos a Hiſtoria Natural com a Moral e Politica de todas as ſuas Comarcas, Cidades, Villas &c. para nellas empregar o ſeu amor paternal, comvertendo em paraizos, lapas; em gentes uteis ao Eſtado, Povoaçoens çafaras.

§ XXV.

E Que conſequencias naõ ſeriaõ produzidas no vaſto Continente da America á tres Seculos deſcuberto? A Auguſtiſſima Soberana, que promove a felicidade dos ſeus Vaſſallos, dilatando a Gloria do ſeu Reinado, tem já expedido Naturaliſtas para a exploraçaõ daquelles immenſos terrenos, cujos fructos deveraõ ſer taõ conſideraveis, como pedem

dem o objecto da referida expediçaõ.

§ XXVI.

COm effeito, ſe no tempo, que governava o Rio de Janeiro o Excellentiſſimo Marquez de Lavradio, poderaõ naſcer das conſequencias de huma Sociedade Filozofica a hi entaõ erigida, e por elle protegida, naõ menos prodigiozos fructos, que os de conſtituir aquella Capital mais induſtrioza, mais populoza, e mais florente; que ſe naõ deve hoje eſperar? He certo, que ſó depois de ſua inſtituiçaõ foi, que a Academia de Stokolmo teve conhecimento das plantas do Brazil por hum ſelecto Hortario Brazilienſe, que lhe enviaraõ Manoel Joaquim de Paiva, e Jozé Henriques de Paiva: he naõ menos manifeſto, que a eſta Sociedade he que ſe deve a cultura do anil, coxonilha &c. Até entaõ ſe via hum Commercio taõ limitado, que dalli partiaõ os Navios a buſcar carga á

Ba-

Bahia, e a Pernambuco para trazerem para o Reino: despois pelo contrario abundou até de generos novos, como principalmente arroz, anil, e café, que na verdade iguala ao de Moca.

§ XXVII.

COmeçando pelo Reino vegetal, colheremos a maravilhoza spigelia, que tanto prezaõ os Moscovitas, que a compraõ a pezo de ouro, por ser especifico remedio contra os vermes, que roem os intestinos daquelles povos Septrentrionaes; por cuja razaõ o Doutor Carlos Lineu escreveo ao Doutor Wandeli, assim por esta maneira: *Archiatri Petropolitani comparant sibi spigeliam meam, eaque curant stupende vermes quoscumque; dosis herbæ venit ducato uno. Tu, qui habitas in Lusitania, cui parent Brasilia, ubi spontanea posses comparare ingentem copiam, et vendere summo* *lu-*

lucro per Europam; emptores nunquam defficerent, nec poteſt cum lucro in hortis coli, cum fervidiſſimum expetit cælum: hac ſola poſſes tibi comparare theſauros.

§ XXVIII.

JÁ feliſmente tivemos eſta planta no Real Jardim, conſervada pelos cuidados de Julio Mattiazi, inſigne Botanico, e amante das produçoens da natureza; ignoramos, que nome obtem no Brazil, que deve ſem duvida diſcubrir-ſe nas obſervaçoens Botanicas do paiz. A facilidade de ſer apanhada nos campos, logo que for deſcuberta; a comodidade de a tranſportar ſeca; as ventagens, que della veriaõ ao commercio, como inculcaõ as palavras aſſima referidas de Lineu; nos fazem ver a neceſſidade da Botanica neſte paiz, para á deſcuberta, e cultura daquella maravilhoza planta.

Mui-

§ XXVIIII.

MUitas outras inteiramente ignoramos; ſabemos ſim, que os Indios conhecem immenſas, que ſervem de eſpecifico antidoto contra innumeraveis enfirmidades; da qui he, que a Humanidade tem recebido tantos bens com o Balſamo Peruviano; o de Cupaiva: a Salſa parrilha; a Ipicacoenha; a Contraherva; a Jalapa; a Capiá; (e prezentemente receberá da Quina de Pernambuco); e de infinitas outras contra o mal venereo, e para vomitorios, febres podres, gangrenas &c.

§ XXX.

SUpoſto ſeja unicamente a Holanda, que poſſua a Canela, o Cravo, a Noſnocada, para fazer taõ groſſo commercio em beneficio da companhia Holandeza; quem como nós poderia adiantar eſte ramo de Com-

mer-

mercio, visto que o nosso continente he capás de produzir os referidos generos? Quem naõ sabe que a Canela se dá bem em S. Thomé, e no Brazil, suposto seja pela indifferença, com que he tratada, inferior à fina de Ceilaõ? O Cravo de Maranhaõ só na figura differe do de Molucas. A pimenta tambem se dá bem na Bahia, onde ainda hoje se conserva huma pimenteira no Hospicio da Senhora do Pilar, que produs infinitamente, ainda que com effeito he pela falta de cultura mais miuda que a da Azia.

§ XXXI.

Consta das nossas Historias termos possuido todas aquellas drogas naquelle Continente, exportadas da Azia, que foraõ arrancadas por huma Lei politica do Senhor D. Manoel. E naõ só tivemos muitas produçoens das da Azia, mas ainda as de Europa, pois se acha no Padre Vascon-

cellos na ſua chronica que haviaõ excellentes Uvas no Rio de Janeiro; Santos, S. Vicente &c., dizendo o citado A. que ſe podiaõ colher todos os mezes, ſe em todos foſſem as vinhas podadas, e cultivadas.

§ XXXII.

MAs hoje que naõ poſſuimos aquelles fructos dos trabalhos dos noſſos antepaſſados como entaõ, ſeria de dezejar que ſe aperfeiçoaſſem aquelles que poſſuimos. A antiga cultura do aſſucar tem acazo a perfeiçaõ dezejada? O noſſo he muito inferior ao de fora, e contem huma menor cultura. Quem crerá, que os Inglezes na ſua Çafra do anno paſſado tiveſſem 1 : 498, 867. quintaes de aſſucar; e nôs com os mais fecundos terrenos, e ſaudaveis climas, apenas podemos fazer 30ȹ. caixas, que reputando-ſe a 50. arrobas, (que nunca lá chega) conſtitue o total de 1 : 500ȹ. arrobas, de que a maior parte

te conſta de aſſucar maſcávado? He de crer, que a grandioza manobra, e trem das caldeiras (*a*) das noſſas fabricas embaraça haver huma maior cultura, que podia ſer promovida, havendo facilidade e comodidade de cada hum particularmente poder fabricar o ſeu aſſucar, o qual naõ he outra coiza, ſenaõ o ſal eſſencial da cana, reduzida a maſſa concreta por meio do cozimento, e criſtalizaçaõ; em cuja operaçaõ ſe devem attender algumas circunſtancias, que todas conſiſtem em reduzir a conveniente proporçaõ o oleo, o acido, e a terra abſorvente por intermedio das

(*a*) Podem bem ſuprir as caldeiras de ferro as de cobre, ao meſmo paſſo, que ſerá muito comodo aos lavradores pobres, e ainda aos ricos ſervirem-ſe deſte unicamente para o fundo, ou fóco da Caldeira, e compor o reſtante de paſtas argillozas, que com outras differentemente miſturadas, e preparadas formariaõ excellentes vazos para o ſerviço da fabrica.

caes, e cinzas; porque a terra abſorvente da agoa da cal, e o alKale fixo extrahido das cinzas, iriaõ ſenhorear-ſe do acido ſuperabundante do aſſucar, até que naõ o encontrando mais, agitariaõ ſobre o oleo exceſſivo, formando hum compoſto ſabonozo, que no extremo calor vem á ſuperficie da caldeira com as mais partes craſſas, que ſe devem logo cuidadozamente tirar com a eſcumadeira. E porque as cinzas quentes podem communicar hum goſto empyreumatico; o mais prudente ſeria uzar da lixivia fria com a agoa da cal filtrada, e evaporada ao fogo. He neceſſario fugir de empregar neſta operaçaõ, como mandaõ alguns artiſtas; o antimonio, porque eſte, como diaforetico, pode communicar ao aſſucar qualidades heterogeneas, das quaes podem naſcer perniciozos effeitos. Segue-ſe a purificaçaõ, que por meio da clarificaçaõ facilmente ſe deve obter; he deſneceſſario falar da refinaçaõ, e ſeus methodos, preſcriptos

na

na Encycopledia no artigo *Sucre*, por vedarem-na neſtes paizes as noſſas leis. Mas a neceſſidade deſte genero, viſto que com elle ſe faz na Europa hum taõ grande commercio, ao meſmo tempo, que ninguem melhor do que nòs o podia exercer, poſſuindo neſtes paizes immenſas lenhas, fará com que aquella prohibiçaõ ſeja pelo diante reſtringida, e meſmo caſſada pela Rainha Noſſa Senhora.

§ XXXIII.

A Irregularidade, e má conſtrucçaõ, e direçaõ das fornalhas embaraça tambem haver huma maior cultura. He incomprehenſivel a immenſa quantidade de lenhas, que inutilmente conſome a factura do aſſucar pela conſtruçcaõ das ſuas fornalhas, pois que para huma carrada de cana, ſe requer outra de lenha. A boa conſtrucçaõ dos fornos de Reverberio ſanaria eſte mal, que cauza graviſſimo prejuizo aos lavrado-

res e Senhores de Engenho, vindo a ſucceder que aquelles, que naõ poſſuem grandes matas, naõ fabriquem aſſucar, e os que as poſſuem, pelo diante deixaõ tambem de trabalhar os ſeus Engenhos pela falta de lenhas, pois aſſim o confirma a experiencia.

§ XXXIIII.

O Ignorarem ainda aquelles povos o gráo de fogo, que devem applicar para o cozimento do ſeu aſſucar, faz tambem, que naõ fabriquem aquella quantidade, que deveriaõ fabricar, porque o calor maior, que aplicaraõ fez queimar os principios eſſenciaes do aſſucar, ou o meſmo aſſucar, e tem formado aquella calda empyreumatica, a que chamaõ melaſſo, que ſendo ſua abundancia maior, ou menor, o aſſucar he mais, ou menos claro. Como porém ſe applicaõ eſtes melaſſos para aguardente, os lambiques deſtillatorios devem ſer mais bem deſtinados, do que ſaõ,

pa-

para ſe tirar aquella conveniencia; que devem, quando as aguardentes tem ſubido a hum taõ alto preço.

§ XXXV.

A Falta de economia, e direcçaõ dos trabalhos dos pretos, naõ cauza pequeno prejuizo, cujos damnos devem ſer reparados, ſe a Meza da Inſpeçaõ com ſabias e prudentes providencias der aos lavradores a inſtrucçaõ de que carecem para a boa cultura dos ſeus generos, animando, e protegendo ſeus trabalhos.

§ XXXVI.

NAõ toco na cultura do algodaõ, ſe acazo ſendo maior, e manufacturada, hajá de conſtituir hum novo, e mais poderozo ramo de induſtria, e commercio, entretendo, e diminuindo huma grande parte da ociozidade, ſubſtituindo eſte trabalho, ao que exercitaõ as negras, e mu-

mulatas em ſeus inuteis bordados. A Europa toda tem aprovado o goſto de ſemelhantes manufacturas, introduzindo milhares de fabricas ao modelo das da Azia. Naõ digo da cultura do arros com os engenhos de o deſcaſcar. Naõ falo na ſerragem das madeiras por Engenhos, que devem poupar os longos, e peniveis trabalhos dos pretos em tantos dias, para mais utilmente ſerem em outros empregados, porque cada hum deſtes artigos haõ de entereçar as viſtas, e cuidados patrioticos da Meza da Inſpeçaõ, e dos Generaes, e Magiſtrados, que naquelles continentes tem a honra de ſervirem a Sua Mageſtade.

§ XXXVII.

E Como he praticada a cultura das terras? O mais mizeravelmente que he poſſivel imaginar. Deſconheceſſe o uzo do arado, e charruas,

ruas, (*a*) porque dellas naõ uzaraõ os antepaſſados. He exercitado o

---

(*a*) A cauza que me parece demonſtrativa do deſuzo do arado, he a que ſe ſegue, reprezentada pelo Excellentiſſimo Vice-Rei do Eſtado o Marquez do Lavradio a ſeu ſucceſſor nas palavras ſeguintes „ Para melhor intelligencia de V.
„ Excellencia a reſpeito do pouco cuida-
„ do, que tem devido aquellas Provincias
„ aos que as tem até agora governado a
„ reſpeito do ſeu augmento em Agricultura,
„ Commercio, e Navegaçaõ, lembro que
„ tendo o Senhor Rey D. Joaõ V. que ſantã
„ gloria haja, mandado immenſidade de
„ inſtrumentos, como enxadas, arados,
„ picaretas, e outros inſtrumentos ſeme-
„ lhantes, para ſe repartirem pelas gen-
„ tes pobres, a fim de poderem abrir,
„ e cultivar as terras, ſe executou iſ-
„ to por tal modo, que havendo im-
„ menſa pobreza em todas aquellas Pro-
„ vincias, ſem terem meios, para ſe em-
„ pregarem na Agricultura, ſe conſervou
„ nos armazens, a que S. Mageſtade ti-
„ nha mandado, repartindo-ſe ſó por al-
„ guns poucos afilhados, alguns dos ſo-
„ breditos Inſtrumentos, e o mais apo-

o trabalho pelos mizeraveis eſcravos, que mal educados, nus, tyranizados, mortos muitas vezes de fome, como haõ de intereſſar nas fortunas do Senhor? Huma melhor educaçaõ, e tracto dos ſervos pode proſperar a agricultura do Brazil, e deve formar mui intereſſantes Capitulos das Leis moraes, e economicas, pelas quaes ſe produziriaõ neceſſariamente maravilhozas conſequencias.

§ XXXVIII.

DEve-ſe em I. lugar geralmente eſtabelecer o uzo de cazar os eſcravos, por quanto os penhores da mulher, e filhos os ligaraõ eſtreitamente na familia do Senhor, donde naõ dezejaraõ ſahir, nem entaõ já mais

---

„ dreceo, e ſe encheo de ferrugem nos „ armazens, a onde na Ilha de Santa „ Catherina o acharaõ agora os Caſtelha- „ nos, e no Rio grande de S. Pedro ain- „ da á muito pouco tempo lá ſe achavaõ.

mais profeguiriaõ nos crimes, e exceffos das paixoens fenfuaes, e em muitos outros, que frequentemente praticaõ. Verfe hiaõ as crias com mais decoro das familias, as quaes fendo acoftumadas a ver os feus Senhores com amor e refpeito, a quem feus Pais igualmente fervem, amariaõ fervilos, e lhe augmentariaõ fuas riquezas. Efta forte de efcravidaõ naõ ferá offenfiva á Humanidade, fe olhando os Senhores para á propria economia (quando naõ attendaõ para os deveres, a que os impelle a Religiaõ) os tratarem com moderaçaõ, e naõ nos criminozos exceffos, de que abuzaõ a mais grande parte. Naõ falo na indifpenffavel obrigaçaõ de os fazer inftruir nos vivos fentimentos da Religiaõ que adoramos, porque he evidente, que amando, e temendo a Deos, feraõ fieis aos feus Senhores.

§ XXXVIIII.

NAõ he menos conſideravel a maneira, com que ſe deve prover á ſuſtentaçaõ: praticaõ ordinariamente os Senhores de Engenho concederem a cada eſcravo o dia do Sabbado, para que conſigaõ pelos trabalhos, que nelle exercerem, a ſua ſuſtentaçaõ, e veſtuario. Donde ſe deve ponderar, havendo reſpeito á moral, e á economia I. *Se o trabalho de hum dia ſómente he baſtante para manter hum eſcravo toda a ſemana? E ſe for baſtante* II. *pela nimia fertilidade do clima, ſe deve o Senhor aſſim obrar, ou de per ſi prover, como inculca o Senhor Labat, na ſuſtentaçaõ dos ſeus eſcravos?* He certo, que elles de ordinario incluem no Sabbado o Domingo tambem, violando ſempre por neceſſidade a ſantificaçaõ deſte preceito; e iſto, os pretos briozos, que os outros ſó por elles eſperaõ para paſſarem ociozos,

em-

embriegados &c. nutrindo os vicios da ſua natural frouxidaõ.

§ XXXX.

PArece ſer por tanto aquella conſtante pratica mui alheia da humanidade, e menos capás de reduzir os eſcravos a ſerem amigos, e fieis aos ſeus Senhores; que ſuccederá ſem duvida ſendo mais humanizados, ſem faltar-ſe nada á ſua conveniente conſervaçaõ; deſterrada a nudez em que vivem; e conduzidos em fim por huma boa moral e prudente economica dos Senhores, ao ponto dezejado, de que elles cuidem com goſto no aproveitamento, e comodidade dos ſeus Senhores.

XXXXI.

O Uzo do arado, e charruas, trabalhadas pello Senhor Tul deve ſem duvida convir a aquelles fortiſſimos terrenos, denominados *maſ-*

ſa-

ſapé; cujos trabalhos ſe devem exercer por bois, ou Cavallos antes; porque quatro deſtes lavraõ em hum dia tanta porçaõ de terreno, quanta doze bois.

§ XXXXII.

PAſſando ao Reino animal veremos, que he o Boi capaz de produzir naõ ſómente a carne, e o coiro, como tambem o que ſe dezaproveita, iſto he as manteigas (*a*) que-

---

(*a*) A factura da manteiga ſe redus unicamente a extrahir a nata do leite, que deitaremos em hum vazo de madeira conico, o qual he na baze mais largo, e na boca mais eſtreito, que os Francezes chamaõ *Baratte*: he cuberto com hum capacete furado no meio, por onde ſe introduz hum páo, que termina com hum prato igualmente de madeira, cheio de buracos, com o qual ſe trabalhará a nata com hum pouco de leite freſco, que ſe lhe ajunta. Logo que ſe ſente a nata congelada, ſe tira para fora com

quejos &c. ſegundo praticaõ a Irlanda, Holanda, e outros paizes do Nor-

---

huma colher limpa a manteiga, que eſtá formada, e entaõ ſe deve lavar bem, até que na agoa ſenaõ veja nada laitozo. Logo ſe deve eſtender ſobre huma taboa limpa, e ſe pulveriza com ſal, e com o meſmo ſe amaſſa, e com huma camada de ſal da parte inferior, e outra ſuperior ſe embarrica. A que ſe chama de prato naõ ſe amaſſa com ſal. Tambem para á ſua conſerva ſe funde a manteiga a hum fogo moderado, e com a eſcumadeira ſe tira toda a eſcuma, e partes craſſas, e amaſſada ſem ſal ſe embarrica. Para haver boa manteiga, he neceſſario que o leite ſeja bom, o que depende dos bons paſtos, que naquelles continentes ſe naõ podem appetecer milhores. O leite deve ſer coado por hum pano limpo, e as vazilhas, em que for poſto para ſe formar a nata devem ter pouca altura, e o fundo truncado. Como os ardentes calores podem corromper o leite, e embaraçar a extracçaõ da nata, ſerá neceſſario, que hajaõ ſubterraneos para ſe conſervar o leite ſem alteraçaõ nos tempos do calor immoderado. E melhor ſe pode

Norte, que a ſeu exemplo nos eſtimulaõ a cuidar-mos daquelles generos, dos quaes nenhum cazo até aqui fazemos, pois que apenas nas grandes Cidades ſe vende algum leite freſco; e ſe fazem nos Certoens e Aldeas hum pequeno numero de queijos; do que ſuccede ſer-mos obrigados a mandar ir da Europa immenſſa manteiga, e queijos para engroſſar o ramo do commercio dos Inglezes, Irlandezes, Holandezes, os de Milaõ, Chypre &c. com os quaes an-

ver neſte artigo o Corpo das Artes ultimamente impreſſo pela Real Academia das Sciencias de Pariz, e o Tractado de Scokio *De butyro et averſione caſei.* A maneira de ſe fazerem os quejos he mais trivial no Brazil; o leite que reſta da nata cozido, dá a maſſa do quejo, que conforme for o ſeu trabalho, aſſim ſerá na bondade o quejo. As Capitanias do Sul, e as Minas no-los ſubminiſtraõ excellentemente preparados, iguaes na bondade aos do Norte; ſupoſto que pela limitada porçaõ naõ conſtituem ramo de commercio; e he ſenſivel, que fornecen-

annualmente defpendemos para cima de trezentos contos de reis.

§ XXXXIII.

E Como fe aproveitaõ as carnes, e os coiros? As peles, que vem para o Reino com o nome de Vaquetas, faõ taõ más, que naõ fervem para o calçado no Inverno pela fua porozidade, e falta de confiftencia, e folidez; e faõ além diffo muito pequenas: o feu uzo mais frequente confifte em arreios, e coizas defte genero; o que procede I. de naõ ferem bem curtidas; II. do coftume de fe matarem, logo que fe quer completar certo numero de coiros, bois, vacas, bezerros indiftinctamente: fendo confequencia difto a diminuiçaõ

 do

---

do os fertiliffimos certoens de Pernambuco carne feca para todo o Brazil, façaõ apenas alguns quejos mais, quando fe fervem do leite a todas as horas, até em lugar de agoa, e dando-fe mefmo aos Caens.

do gado, e a má qualidade dos coiros; acresce ainda que como o gado anda todo junto vacas, bezerros &c. concebem aquellas antes de terem vigorozas forças, e destroem-se estes pelo cio em que entraõ fora de tempo, sendo fracos os animaes, que nascem; e por conseguinte os coiros mais pequenos, e de menos valor.

§ XXXXIIII.

AS carnes secas saõ desgostozas; cozidas se desfazem em fibras á maneira de estopa; sendo salgadas de salmoira, ou curadas de fumo, como praticaõ os Holandezes, naõ seriaõ muito melhor reputadas com maior consumo para formar hum novo ramo de Commercio, exportando-se para o Reino para o serviço das armadas, excuzando este ramo do Commercio dos Inglezes Holandezes, em que despendemos para cima de 20. contos de reis?

§ XXXXV.

TIvemos a fortuna de merecermos aos infatigaveis cuidados do Senhor D. Jozé I. o eſtabelecimento de fabricas de pentes, caixas, botoens de tataruga: com tudo vamos ainda hoje comprar aos Francezes, Caſtelhanos, Genovezes, Napolitanos os ſobreditos generos já em cru, já manufacturados. Vende-ſe ordinariamente a tartaruga a 2400. reis o arratel, porem eſta peſcaria naõ ſómente eſtá pouco adiantada no Brazil, mas até ſe acha, como he tradiçaõ, arruinada.

XXXXVI.

ABundaõ os certoens de veados, que lá meſmo conſtituem hum pequeno ramo de Commercio; mas como ſaõ a todo o tempo indiſcretamente mortos, pelo diante ſeraõ mais raros.

XXXXVII.

CContem as Coſtas muito peixe deſde Outubro até Março, que dezaparece com a chegada das Baleias, e por iſſo neceſſitaõ para á Quareſma de Bacalhau, que vai de Portugal; a pezar de que os peſcadores dos Ilheos, e Porto Seguro levaõ á Bahia em ſuas barcas muitas *garoupas*, *meros ſecos*, *e verdes*; aſſim como os de Santos ao Rio de Janeiro *enxovas*, *tainhas* &c., e outros a outros portos para o ſuſtento dos eſcravos, e gentes pobres: porém o mal ſalgado, o ranço, que conſervaõ da má preparaçaõ, obriga a naõ entrarem na meza dos ricos. Donde podendo aquelles povos fazer mui grandes peſcarias ao longo de todas aquellas prodigiozas Coſtas, e prepararem devidamente os ſeus peſcados, como fazem os Holandezes com os ſeus Arenques, e os Inglezes, e Françezes com o Bacalhau, cujos peſ-

ca-

cados naõ ſaõ certamente mais ſaborozos, que os de que temos feito mençaõ: que aproveitando muito pouco a ſua peſcaria, obrigaõ a Portugal a naõ poupar taõ grandes ſomas na compra do Bacalhau.

XXXXVIII.

NAõ devo omittir a cultura da coxonilha, que faz hum dos mais poderozos ramos das riquezas de Eſpanha. O Marquez de Lavradio foi o primeiro que tentou introduzila no Brazil, a pezar de que muitos negavaõ a ſua introduçaõ, porque ſe ſecavaõ as Figueiras, logo, que ſe lhes impunha o inſecto; mas naõ advertindo, que iſto procedia por naõ eſtar ainda a planta vigoroza, pois que o contrario moſtraraõ as experiencias a eſte reſpeito praticadas no Rio de Janeiro, ſobre o que exiſte huma famoza memoria de Jozé Henriques de Paiva, anotada por

ſeu

ſeu Irmaõ Manoel Joaquim de Paiva, intitulada *Hiſtoria do deſcubrimento da coxonilha*. Em virtude do que mandou o Vice-Rei, que entaõ era o ſobredito Marquez do Lavradio, transportar de Santa Catherina muitos caixoens da planta, onde ſe cria aquelle inſecto para a fazer familiar no Rio de Janeiro; merecendo tudo a aprovaçaõ de S. Mageſtade, que mandou promover aquelle ramo de induſtria, comprando aos lavradores toda quanta cultivaſſem, que o dito Vice-Rei arbitrou por 4$000 o arratel, ella ainda naõ teve maior adiantamento; mas he evidente que ſe a exemplo dos Eſpanhoes for a dita cultura entregue aos noſſos Indios a troco de agoardentes, e varias bugigangas, que elles tanto prezaõ, formará ſem duvida grandes fontes de riquezas para o Eſtado.

Vê-

XXXXIX.

VE-ſe pois, quam poderoza ſerá a agricultura daquellas vaſtas conquiſtas pela immenſa fertilidade do terreno, creaçaõ, e multiplicaçaõ dos ſeus animaes; ſuas ricas producçoens &c., aſſim foſſe deſterrada a indolencia, e a inercia dos naturaes, e dos povos de Portugal, que lá vaõ buſcar os ſeus eſtabelecimentos, e creſceſſe a induſtria popular, promovida, e animada pelos Generaes, e Magiſtrados daquelles Eſtados. Como naõ ſeriaõ convertidas entaõ as povoaçoens a melhores uzos, e ſenſiveis os progreſſos da Filozofia Natural?

L.

ENtrando no Reino Mineral, que importantiſſimos objectos naõ admiraremos? Leſſe no Padre Vaſconcellos já citado a reſpeito da Serrania

dos

Orgaõs, que ſe algum dia mereceſſe os trabalhos humanos ſe confundiria com o Potoſi ou o Perû. E na verdade, que riquezas naõ temos já admirado nas Minas? Aſſim o ſeu trabalho para ſer mais util, foſſe dirigido por Magiſtrados Filozofos, como praticaõ as Naçoens induſtriozas, que poſſuem minas, eſtabelecendo Cameras docymaſticas. E com effeito ſe hum dos noſſos Magiſtrados, munido dos conhecimentos metalurgicos, cheio das doutrinas, e methodos dos Mineiros Alemaẽs, e os mais peritos da Europa, obſervando as experiencias, que os noſſos mineiros ſem inſtruçaõ, tem feito arte, eſtabeleceſſe huma maneira facil, e a mais conveniente para os enſaios, e direçaõ da Mineralogia do paiz; porque naõ perceberia o Regio Erario entaõ maiores lucros com a ſimultanea felicidade de tantos povos?

He

§ LI.

HE de eſperar, que os Naturaliſtas enviados por autoridade regia, hajaõ de fazer ver todos os portentos, que a natureza quiz occultar naquelles paraizos, onde parece, que em nenhuma outra parte do mundo, procurou manifeſtar tanto o ſeu poder. Mas naõ ſei, ſe os Indios conciliados com brandura (*a*) e premios, podem fazer rezultar daquellas expediçoens maiores conveniencias ao Eſtado; maiores deſcubertas? a facilidade dos caminhos, e terrenos que ſe haõ de preſcrutar; a

 po-

(*a*) O meio de que ſe ſervem as Naçoens induſtriozas para cumunicarem com os Indios, tem ſido multiplicar cada vez mais as ſuas neceſſidades, pelas quaes elles ſaõ forçados a cumunicarem-ſe com os ſeus vizinhos induſtriozos. He aſſim, que os Inglezes tiraõ toda a conveniencia dos Indios do Canadá; os Francezes das ſuas Americas &c.

povoaçaõ, que apôz outras se iriaõ formando sua boa educacçaõ; hum tracto mais civilizado; a salvaçaõ de suas almas, que ignoraõ a luz do Evangelho por nascerem nas trevas do gentiiismo; naõ se consentindo por maneira alguma, que Cidades inteiras, cheias de Eccleziasticos tenhaõ a este respeito toda a indifferença sem o menor remorso.

§ LII.

EStes objectos me parecem dignos de chegarem ao Augusto Throno de taõ Magnanimos Soberanos, pois pelos seus Ministros e Secretarios de Estado naõ promovem a Sciencia dos conhecimentos da Natureza, se naõ para fazer respeitavel, e feliz a sua Monarchia, e attender ás nossas necessidades, e ás fortunas dos povos.